

“GT: 014 - Antropologia da morte e do morrer, um campo em diálogo multidisciplinar;

Coordenação: Hippolyte Brice Sogbossi (UFS), Alexandre Magno de Aquino (UFRGS)

GT 117: Violências contra dissidências sexuais e de gênero: Interseccionalidades, resistências e disputas.

Coordenação: Moisés Lopes (UFMT), Leandro de Oliveira (UFMG).

Título: ENTRE A BUROCRACIA E O RITUAL: A MORTE E O LUTO COMO CAMPO POLÍTICO NO ENTORNO DO IML DE SANTO AMARO (RECIFE-PE)¹

Resumo: A presente comunicação propõe uma reflexão antropológica sobre a comercialização política do corpo morto no Brasil, com ênfase nos corpos femininos, pobres e socialmente marginalizados, tomando como base empírica observações realizadas no entorno do Instituto Médico Legal e funerárias em Santo Amaro, Recife (PE). Desta forma, mais do que uma etnografia descritiva, utilizo desse material como ponto de partida para discutir como a morte, longe de suspender as desigualdades sociais, as reatualiza e aprofunda por meio de práticas institucionais, econômicas e simbólicas. Portanto, o trabalho será dividido em três eixos analíticos: O primeiro eixo aborda a necropolítica e a hierarquização dos corpos, dialogando com Achille Mbembe em sua obra “Necropolítica” (2018), para demonstrar como certos corpos são socialmente autorizados a morrer e, posteriormente, a serem tratados com negligência, pressa ou violência simbólica; Em continuidade, o segundo eixo discute a necroviolência de gênero, articulando contribuições do feminismo crítico, especialmente Judith Butler (2015), Rita Segato (2016) e Silvia Federici (2017), para analisar a persistência do controle moral, da objetificação e da violação simbólica e física do corpo feminino mesmo após a morte, através de uma materialização da ideia de que o corpo da mulher morta continua sendo disciplinado, corrigido e silenciado, revelando a continuidade da violência patriarcal para além da vida; Por fim, o terceiro eixo trata da comercialização política do corpo e dos rituais fúnebres, mobilizando autores como Marcel Mauss em seu livro “Ensaio sobre a Dádiva” (1924), Robert Hertz na obra “A Representação Coletiva da Morte” (1907) e Philippe Ariès em “História da Morte no Ocidente” (1977), para que se possa compreender como o ritual da morte, quando atravessado pela pobreza, é reduzido, acelerado ou impedido, convertendo o luto em prestação de serviço e o corpo em mercadoria regulada pelo mercado funerário. Sustenta-se, assim, que a comercialização do corpo morto não é apenas econômica, mas profundamente política, revelando um regime de valor no qual nem todas as vidas, e nem todas as mortes, são igualmente reconhecidas como dignas de cuidado, ritual e memória. A morte, nesse sentido, torna-se um campo privilegiado para compreender as formas

¹ Resumo de artigo proposto pela autora Hellen Conceição da Silva, Bacharel do curso de ciências sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), para o GT: Antropologia da morte e do morrer, um campo em diálogo multidisciplinar; E-mail: hellen13xy@gmail.com.

contemporâneas de desigualdade, dominação e gestão dos corpos no Brasil, nas quais gênero, classe e raça definem quem pode ser cuidado e lembrado, fazendo do luto uma arena de disputa política, econômica e institucional.

Palavras-chaves: Morte; Luto; Político;